



> A POLÍTICA IMPRESSA

LAIZ PERRUT MARENDINO

> LAIZPERRUT@GMAIL.COM

MESTRA EM HISTÓRIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

Resenha de >

SANTOS, Emmanuel dos. *Imprensa e poder: a via chilena ao socialismo e os jornais El Mercurio e La Nación.* / Emmanuel dos Santos. Rio de Janeiro: Telha, 2020.

Pensar a história da imprensa é pensar propriamente na construção de cada processo político que pode ter ocorrido em cada país do mundo desde a invenção da prensa. Em todas as nossas pesquisas, desde a graduação, entendemos a imprensa não apenas como fonte historiográfica, mas também como sujeito social ativo.

Novos trabalhos sobre a história da imprensa foram fomentados pelos debates em torno da “Nova História Cultural” e da “Nova História Política”, esvaziadas nas décadas anteriores em favor da História Econômica, que significou, entre as décadas de 1850-1870, a maior parte dos estudos historiográficos. A partir da



década de 1980, as temáticas cultural e política voltaram a representar um universo grande de pesquisas.

Atualmente temos vivido processos políticos no Brasil, no Chile e no mundo todo em que, mais uma vez, a imprensa tem sido protagonista e tem interferido em muitos casos, para o “bem” e para o “mal”. Na era das “Fakes News”, se faz cada vez mais necessário desvendarmos como os meios de comunicação vêm se comportando ao longo do tempo. Emmanuel dos Santos faz isso muito bem ao analisar comparativamente como agiram dois importantes jornais chilenos, *El Mercurio* e *La Nación*, no processo de debate público da experiência da “Via Chilena para o socialismo”, trazendo suas parcialidades, peculiaridades, intencionalidades, situando esses jornais como sujeitos políticos ativos. Isso significa que é importante, ao analisar um jornal, se atentar para sua trajetória, quem são seus editores, quem são seus públicos alvos, qual a circulação e importância local desses impressos. Para isso, baseia-se em escritos do sociólogo uruguaio Héctor Borrat, das historiadoras Maria Helena Capelato e Maria Ligia Prado e do historiador Rodrigo Patto Sá Motta.

Emmanuel dos Santos é historiador, no mestrado dedicou-se ao estudo da imprensa chilena em relação aos processos políticos do governo da Unidade Popular, o que resultou nesse livro. No doutorado continua dedicando-se ao estudo dos debates políticos através da imprensa, estendendo aos debates sobre a política externa dos Estados Unidos na América Latina.

Em seu livro, “Imprensa e Poder - A via Chilena ao Socialismo e os jornais *El Mercurio* e *La Nación*” nos traz importantes reflexões acerca dos meandros da política da UP (Unidade Popular) durante governo de Allende no Chile, e como a imprensa, estatal e privada, participaram ativamente de todos os processos desde antes da eleição em 1970 até o golpe em 1973.

O livro é dividido em três capítulos. No primeiro, intitulado “Origem, trajetória e materialidade dos diários *La Nación* e *El Mercurio*”, o autor traz, com muita riqueza de detalhes, um resgate de todo o histórico dos dois impressos. Como dissemos anteriormente, o autor entende esses jornais como sujeitos políticos ativos, por isso a importância desse capítulo em que traz desde a fundação, seus donos, seus redatores e os meandros que circundam tais impressos até o momento de análise mais específica dessa atuação.

Segundo o autor, *El Mercurio* é o mais antigo jornal que ainda circula no Chile, criado em 1827 e passando a ter maior notoriedade a partir da década de 1870, quando a família Edwards compra o referido meio de comunicação, o transformando em um

dos mais importantes do país. Sua notoriedade e grande circulação se mantém até os dias de hoje, continuando ainda envolto em questões políticas do país como, por exemplo, quando, em outubro de 2019, sua sede foi incendiada durante as recentes manifestações que movimentou a cena social e política do Chile no último período.

Assim como *El Mercurio*, o jornal *La Nación*, mesmo com suas diferenças, também se transformou em um dos maiores meios de comunicação chileno e permanece até hoje. Segundo Emmanuel dos Santos, *La Nación* conta com uma bibliografia mais escassa em relação à sua trajetória. Fundado em 1917 por um conjunto de senadores liberais, veio à luz com a alcunha de ser uma “imprensa modernizada”¹. A empresa passou a ser controlada majoritariamente pelo Estado uma década depois, em 1927, pelo Governo Ibáñez, sendo, segundo o autor, uma estratégia de “silenciar uma voz crítica, ao mesmo tempo em que conquistava um importante veículo para sua propaganda oficial”².

Santos ressalta ainda a influência norte-americana nos processos de queda do Governo da UP no Chile e todo o investimento feito em jornais de oposição como *El Mercurio* para essa campanha. Entretanto, sobressalta que, ao contrário de outros trabalhos, não superdimensiona o papel do Governo Nixon para a crise e fim do Governo da UP. Em sua visão, não há dúvidas dessa influência, entretanto, diz que essa crise e ruptura da institucionalidade é um resultado de uma trama bem complexa, que, sem dúvidas, os EUA tiveram parte nisso. E é essa trama que o autor vai desvendando ao longo dos outros dois capítulos do livro.

O segundo capítulo trata, inicialmente, sobre o período entre o final das eleições de 1970 até o início do Governo Allende. As diferenças de atuações dos dois jornais. Enquanto *El Mercurio* fazia editoriais para incendiar a população a não aceitar um governo “socialista”, dizendo dos perigos “comunistas”, *La Nación* ressaltava a importância da alternância de poder para a democracia.

O autor vai permeando os acontecimentos e as reações dos impressos de uma forma bastante interessante. Como promete desde o início do livro, ele demonstra na prática como as ações de cada jornal é viva, muda de acordo com cada circunstância, ou seja, os jornais são atores sociais e políticos. E o que sentimos falta no primeiro capítulo aqui ele faz com destreza, as exemplificações com recortes de partes das edições.

1 SANTOS, Emmanuel dos. *Imprensa e poder: a via chilena ao socialismo e os jornais El Mercurio e La Nación*. / Emmanuel dos Santos. Rio de Janeiro: Telha, 2020. p. 80.

2 Idem, p. 82.

Ao final do segundo capítulo o autor mostra como *El Mercurio* modifica sua linha de atuação de acordo com o aumento da crise dentro do governo Allende a partir do final de 1971. No início o jornal colocava o Presidente com postura constitucionalista, já nos primeiros meses de 1972 muda radicalmente sua postura. As crises internas da UP começam a ser mais desenvolvidas em suas páginas, assim como o incentivo à sensação de insegurança e caos com noticiário constante de diversos ataques terroristas que aconteciam no Chile naquele momento.

Seguindo assim, o autor demonstra com clareza como esses fatores, de manipulação, distorção e seleção de notícias feita no *El Mercurio* e a incapacidade de *La Nacion* em combater, e mesmo as contradições e dificuldades da UP poderiam ter levado à ruptura da institucionalidade em 1973 de forma não democrática³.

O capítulo final desse livro, sem dúvidas, é um dos mais interessantes ao se aprofundar nas questões ideológicas dos dois periódicos e como transmitiam através de suas páginas esses ideais para reafirmação ou crítica ao projeto socialista da UP. *El Mercurio* utilizava a questão “antimarxista” para deslegitimar as ações de Allende. O autor mostra como o impresso fazia para continuar a construir sua imagem de imparcial e sério utilizando de estratégias não diretamente ligadas ao governo da UP, mas provocando associações, como reportagens acerca do regime socialista em Cuba e como, para o jornal, a transição para o socialismo era simplesmente o comunismo querendo o controle total do poder, começando assim a utilizar conceitos como totalitarismo e a aproximação do comunismo com o Nazismo.

O autor fez um grande trabalho ao analisar os editoriais, notícias de cada periódico, compará-los e ainda analisar, frente às ideologias, teóricos que utilizavam para cada um alcançar seu objetivo de defesa ou crítica do sistema vigente. E ainda as próprias contradições de cada jornal, propositais ou não.

A imprensa chilena e o Governo Allende são tratados nesse livro com muita riqueza de detalhes, mostrando ao leitor as limitações de uma “liberdade de imprensa” que era irrestrita e como ainda necessitamos, em vários lugares do mundo, de uma democratização dos meios de comunicação. Poucas empresas deterem esse poder tão grande não é frutífero para as instituições democráticas, como mostra Santos em seu livro. Essa é uma importante conclusão do autor, que considera uma insuficiência política da UP a falta de uma política de “democratizar e estabelecer formas de controle social sobre os veículos da grande imprensa.”⁴ E entende que a falta contundência po-

3 Idem, p. 197.

4 Idem, p. 333.

lítica da UP, muitas vezes tentar apaziguar conflitos com setores antidemocráticos e o não reconhecimento das críticas de setores da esquerda por parte do governo também foram fatores que facilitaram o desfecho golpista, segundo Santos.

Além disso, fica evidente erros também do *La Nación*, meio de comunicação estatal, que deveria ter explorado mais a riqueza da “novidade” proposta pela UP nesses mil dias de governo até o golpe em 11 de Setembro de 1973, o que, segundo o autor, demonstra uma insuficiência em conseguir manter a aliança entre as esquerdas do país com o cerceamento das opiniões da esquerda crítica ao governo o que, segundo Santos, apresentou uma linha editorial com pouca consistência política, e dificultou a resistência ao golpe.

Emmanuel dos Santos finaliza com uma análise em que demonstra a força do *El Mercurio* para a derrubada do governo protagonizado por Salvador Allende: “Allende levou a cabo sua estratégia de respeito à institucionalidade de forma coerente até o fim; a direita e as classes proprietárias chilenas, por outro lado, não tiveram semelhante apego ao jogo democrático.”⁵ Cenas análogas vivemos até hoje em várias partes do mundo, inclusive no Brasil.

Recebido em 29 de abril de 2020

Aprovado em 09 de junho de 2020

5 Idem, p. 336.